

# Ensaio

---

curso de linguística geral e suas possíveis leituras a respeito

teoria do valor Os Anagramas de Saussure: seu modo de pr

nça nos estudos da Linguagem A produção teórica de Saussu

em dois manuscritos do fim do século XIX Elian

ara Silveira Durkheim e Saussure: dois clássicos e duas ciênci

a abordagem do fato social Michel Pêcheux e Ferdinand Saussur

xiste um diálogo possível? O conceito de ar

trariedade e o pulo da experiência para a linguagem: o qu

ma (re)leitura de Saussure pode dizer à Linguística Cognitiv

ngua, fala, sincronia e diacronia no jogo de xadrez L

ialogisation au Cœur du Couple Polyphonie/Dialogisme ch

# Língua, fala, sincronia e diacronia no jogo de xadrez<sup>1</sup>

---

Emanuel Cordeiro Silva

Doutorando/Universidade Federal de Pernambuco

**Resumo:** Este trabalho discute a concepção saussuriana de língua e como, dentro dela, acha-se inserida a noção de tempo. São adotados o *Curso de Linguística Geral* e os *Escritos de Linguística Geral* como textos de referência, e a metáfora do xadrez é admitida como o *locus* da discussão. Além das visões de língua e de tempo, o trabalho busca ainda, no âmbito da complexa rede de relações metaforizada pelo xadrez, situar a dicotomia sintagmático *versus* paradigmático e os princípios da arbitrariedade, do caráter linear, da noção de valor e o geral. São visados, entre os aspectos discutidos, seus pontos de convergência.

**Palavras-chave:** Saussure; dicotomias; pontos de convergência; xadrez.

**Abstract:** This work discusses the Saussurean concept of language and how the notion of time is inserted in it. The *Course in General Linguistics* and the *Writings in General Linguistics* are adopted as reference texts, and the chess metaphor is admitted as the locus of this discussion. Besides the views of language and time, this work still tries, within the complex net of relations metaphorized by the chess game, to approach the dichotomy syntagmatic *versus* paradigmatic and the principles of arbitrariness, the linear trait, the notion of value and the general. Among the aspects discussed, those points of convergence are aimed.

**Keywords:** Saussure; dichotomies; points of convergence; chess.

**Résumé:** Ce travail discute la conception saussurienne de langue et discute comment la notion de temps est incluse dans cette conception. Le *Cours de Linguistique Générale* et les *Écrits de Linguistique Générale* sont pris comme textes de référence, et la métaphore du jeu d'échecs est acceptée comme le *locus* de la discussion. L'étude vise, aussi, à situer, dans le réseau complexe de relations que les échecs métaphorise, la dichotomie syntagmatique *versus* paradigmatique et des principes de l'arbitraire, de caractère linéaire, de la notion de valeur et le principe général. L'objectif est de trouver les points de convergence entre les aspects abordés.

**Mots clés:** Saussure; dichotomies; points de convergence; échecs.

---

<sup>1</sup> Recebido em 27 de junho de 2013.

## Apresentação

Este trabalho objetiva discutir a concepção de língua do paradigma saussuriano e como a noção de tempo se insere dentro de tal concepção. Para tanto, o *Curso de Linguística Geral* (doravante CLG) e os *Escritos de Linguística Geral* foram tomados como textos de referência, e a metáfora do tabuleiro de xadrez foi escolhida como o *locus* da discussão.

A escolha da metáfora não se deu aleatoriamente. Acreditamos que, na perspectiva de Saussure, a imagem do xadrez representa bem mais do que um mero exemplo. Por meio dela, é apresentada uma visão imaterial de língua cuja base é composta por um complexo conjunto de relações. No xadrez, as dicotomias *língua versus fala* e *sincronia versus diacronia* caem numa rede de relações na qual toda tentativa de estabelecimento de fronteiras rígidas e de identificação de contradições é frustrada. Ao invés de reafirmar separações categóricas para ambas e de tentar identificar supostas contradições, buscamos discuti-las no âmbito da rede de relações do xadrez de modo que determinados pontos de convergência possam ser observados.

Ao discutirmos língua, fala, sincronia e diacronia num tabuleiro de xadrez, buscamos ainda situar a dicotomia *sintagmático versus paradigmático* e importantes princípios do paradigma sistêmico dentro da imagem construída pela metáfora. São incorporados à

discussão o *princípio da arbitrariedade do signo*, o *princípio do caráter linear do significante*, o *princípio da noção de valor* e o *princípio geral*.

### **A língua e a fala no jogo de xadrez**

É na famosa metáfora com a partida de xadrez que, sem dúvida, encontramos os melhores delineamentos da visão saussuriana de língua. Para Saussure (2006:104), “de todas as comparações que se poderiam imaginar, a mais demonstrativa é a que se estabeleceria entre o jogo da língua e uma partida de xadrez”. Apesar do processo de abstração ser condição *sine qua non* da natureza de qualquer relação metafórica, as analogias entre a língua e a partida de xadrez possibilitam a construção de uma imagem mais concreta para o entendimento da complexidade que está na base de uma concepção imaterial de língua. Em Saussure, o que encontramos são analogias entre sua perspectiva de língua e o jogo de xadrez enquanto partida, e não enquanto objeto coisificado no conjunto tabuleiro e peças. Ao pôr a partida, e não o jogo-objeto, no centro das relações comparativas, Saussure, estrategicamente, evita incorrer em possíveis contradições. Ele, sem desconsiderar a materialidade do jogo, consegue deslocar o foco para o lado imaterial do xadrez, onde, por analogias, finca sua concepção de língua. Daí que a língua não se confunde com o tabuleiro nem com as peças do jogo, isto é, ela não é somente a materialidade que em parte a constitui.

O deslocamento do foco para o lado imaterial do xadrez permite que a língua seja definida no quadro das relações internas sob as quais se dá o jogo-partida. De nada serviriam tabuleiro e peças sem que houvesse entre eles um conjunto sistematizado de relações. Só há xadrez porque, independentemente da matéria (marfim, madeira, plástico...) usada na confecção do jogo-objeto, as peças adquirem, sobre o tabuleiro, valores numa dinâmica de movimentos controlados por regras convencionadas. Como bem afirma Lopes (2008:79),

As peças do jogo se definem unicamente pelas funções que lhes são conferidas pela legislação do jogo. Suas propriedades puramente físicas são acidentais: as dimensões do cavalo ou da torre, suas cores, o material de que as peças são feitas, tudo isso pode variar; se se perde uma peça, ela pode ser substituída por um outro objeto qualquer, conservando intocadas a sua função e a sua identidade. Basta, para tanto, que os parceiros convençam atribuir a esse objeto substituinte o *mesmo valor* atribuído à peça perdida.

Do mesmo modo é a língua, que também não possui uma existência meramente física. Seus sons, o que nela há de mais concreto, somente ganham vida nos valores assumidos através das interrelações possíveis no bojo das leis fonético-fonológicas ou gramaticais convencionadas. *A língua* da perspectiva de Saussure está *no tabuleiro de xadrez*. Ele define a sua concepção de língua nos limites do tabuleiro sobre o qual o jogo-partida ocorre, posto que a apresenta num paradigma sistêmico cuja complexidade de base é análoga à da partida de xadrez.

A noção de valor ocupa posição central no paradigma sistêmico. Os elementos não valem por características que lhes são intrínsecas. Os valores são indissociáveis da exterioridade dos componentes do sistema, ou seja, só há valor porque há relações estabelecidas entre as partes. Disso resulta toda a relatividade subjacente à noção de valor. Os significados são voláteis, na medida em que aqueles os comportam não os detêm. Tanto as peças do xadrez quanto as peças da língua ficam sujeitas à relatividade de seus valores. Saussure (2002:71) diz que “a língua não consiste de um conjunto de valores positivos e absolutos, mas de um conjunto de valores negativos ou de valores relativos que só têm existência pelo fato de sua oposição.”

Pondo-a no tabuleiro de xadrez, Saussure parece traçar, para a língua, um caráter dualístico das relações entre a noção de valor e a exterioridade. Num sentido, a relação com o que lhe é exterior se dá entre a peça do xadrez e os seus manipuladores. Como diz Lopes (2008), no xadrez, é necessário apenas que os jogadores atribuam o mesmo valor à coisa usada na substituição. O significado da peça é a ela atribuído num contrato entre os jogadores. Na partida, as peças são o que são porque os jogadores decidiram vê-las de uma maneira ou de outra. Ser o cavalo ou a torre, por exemplo, independe de formas físicas, posto que as significações decorrem do contrato firmado. No que diz respeito à língua, os significados também passam pelo mesmo tipo de contrato. Os sons carregam os significados que seus usuários lhes atribuíram. Na realidade física do som, nada há que o justifique para a representação de um determinado significado.

Nesse aspecto do jogo-partida, parece situar-se o *princípio da arbitrariedade do signo*. A ideia da dupla face do signo vai ao encontro de uma noção de valor pautada na relação entre as peças e os jogadores. Para Saussure (2006:81), “O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário*.” O significado vinculado a um significante, assim como ocorre na partida de xadrez, resulta de uma relação contratualmente estabelecida pelos falantes da língua. Num outro sentido, a relação com o que lhe é exterior se dá entre a peça do xadrez e a forma como se diferencia das outras peças. Nesse último caso, *a negatividade torna-se princípio fundamental da construção da noção de valor*. A peça vale pelos traços que nela estão ausentes na tomada da outra como referência. É naquilo que a diferencia das demais que reside o seu significado. O valor do bispo em relação ao rei, por exemplo, define-se na ausência de traços como: não ocupar a mesma casa sobre o tabuleiro, não possuir a mesma forma de movimentação segundo as regras, não ser a peça-chave para o encerramento da partida etc. De maneira semelhante, a negatividade nos traços de um elemento linguístico com outro confrontado define valores. Na língua, os traços também não são de natureza física. Assim como ocorre com as peças do xadrez, cuja negatividade dos traços não se aplica à forma, os sons da língua não significam por causa de seus traços distintivos. Eles podem ser realizações físicas distintas com idêntica correspondência do

ponto de vista valorativo. Saussure (2002:66-67) exemplifica tal fato, dizendo que

Em francês, pode-se pronunciar, sob o som de *r*, duas ou três consoantes completamente diferentes em articulação e, além disso, tão diferentes para o ouvido que não há nada que se note mais no falar de um indivíduo. Entretanto, todos esses sons tão diferentes são aceitos – por assim dizer, legalmente – como *valendo* a mesma coisa: ora, o mais insignificante desvio que se fizesse na pronúncia de um *s* ou de um *d* seria, ao contrário, percebido imediatamente como um vício ridículo de pronúncia ou como signo de um sotaque estrangeiro, enfim, como uma coisa que ofende, de frente e irreconciliavelmente, o nosso senso da língua. Há mil fatos desse gênero: em gótico, vemos pelos textos que se podia dizer indiferentemente: *sijau* (sim) ou *siau*, *frijana* (liberum) ou *friana*: em lugar nenhum o grupo *-ij + vogal* possui um valor diferente de *-i + vogal* [ ]

Todavia, a aparente dualidade das relações entre a noção de valor e a exterioridade se desfaz sob uma leitura mais atenta. É verdade que a noção de valor é dada na relação da peça com os jogadores ou da peça com as outras peças, porém os fatos convergem para um mesmo ponto. Nenhuma das duas formas de a peça se relacionar com a sua exterioridade ocorre fora das convenções do sistema. Se o *status* de cavalo ou de rei independe da materialidade, haja vista dá-se pelas convenções do jogo-partida; para o *status* da peça por confronto com as demais, a atribuição de valor não ocorre de maneira diferente. O valor do bispo só difere do do rei porque o contrato firmado pelos jogadores define determinados significados para os traços distintivos do primeiro em relação ao segundo. Seja de qual modo for, a relação da peça com a sua exterioridade é sempre

atravessada por uma convenção: eis aí o ponto de convergência! A natureza social dos sistemas convencionados torna o xadrez e a língua campos cujas diferentes formas das relações entre peça e exterioridade são para um mesmo ponto convergentes. Sem negar-lhe o lado social, Saussure (2002:250) concebe a língua numa perspectiva sistêmica em que

(...) a língua, como outros tipos de signos, é, antes de tudo, um *sistema de valores*, e é isso que estabelece seu lugar no fenômeno. Com efeito, toda espécie de valor, mesmo usando elementos muito diferentes, só se baseia no meio social e na força social. É a coletividade que cria o valor, o que significa que ele não existe *antes* e *fora* dela, nem em seus elementos decompostos e nem nos indivíduos.

Desse modo, ao situar a natureza do sistema no âmbito da coletividade, Saussure põe em relevo a língua como um fato social. Quando anteriormente dissemos que o valor da peça emerge de um contrato firmado pelos jogadores, não estávamos, com isso, dizendo que os jogadores gozam de total liberdade na fixação dos parâmetros determinantes da dinâmica do jogo-partida. Os parâmetros obedecidos são socialmente fixados. A partida de xadrez ou o ato de fala individualizam aquele que joga ou aquele que fala, mas não autorizam a transgressão da legislação do jogo ou da língua. Toda a movimentação das peças segue as possibilidades previstas pelo sistema. Aqueles que jogam ou aqueles que falam firmam um contrato, na medida em que, tacitamente, comprometem-se a respeitar as regras do sistema, contudo tais regras foram por eles herdadas do domínio social. É comum ouvirmos alguém dizer que

não sabe jogar xadrez. Só se joga, se se conhece as regras socialmente convencionadas do jogo. Não é diferente com a língua; só pelo conhecimento do sistema de uma língua natural, produto de um trabalho social, tornamo-nos falantes. Ao discutir Saussure, Culler (1986:63) diz que “a língua pode se realizar em várias substâncias sem alteração de sua natureza básica como um sistema de relações. O que é importante, tudo que, de fato, é relevante, são as distinções e relações que têm sido dotadas de significado por uma sociedade.”

Com efeito, o recorte do paradigma sistêmico não incorre num *apartheid* entre sistema e sociedade. Pelo contrário, nele, o lado social do sistema ganha destaque. A dicotomia *langue* (língua) e *parole* (fala) não ratifica um projeto de ciência Linguística do qual o social não faz parte. A *parole* é a individualização dos jogadores na partida. Como se lê em Saussure (2006:21), “a parte psíquica não entra tampouco totalmente em jogo: o lado executivo fica de fora, pois a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos *fala (parole)*.” Conforme dito, a convenção do sistema é do âmbito da coletividade, mas a sua execução é de cunho particular. Uma vez tendo se apropriado das regras do xadrez, ao jogador está reservado decidir acerca da movimentação das peças sobre o tabuleiro. Do mesmo modo, a língua se realiza nos usos que dela fazem seus falantes. A sociedade convencionou as regras do sistema, mas, nos atos de fala, são os indivíduos que decidem a dinâmica das peças, ou melhor: dos elementos da língua. Embora aparente o contrário, a separação entre

língua e fala é fundamental ao relevo social desejado no paradigma sistêmico. Aqui, separar a língua da fala não é a primeira negar-lhe a face social, posto que a segunda, por não ser uma construção da sociedade, é o que há de menos social. Como bem afirma Culler (id.), “é uma das virtudes da teoria da linguagem de Saussure ter colocado convenções sociais e fatos sociais no centro da investigação linguística, destacando o problema do signo.”

É fato que, no xadrez, a movimentação das peças acontece através de escolhas motivadas pelos objetivos dos jogadores durante a partida. Nesse sentido, o jogo-partida dá-se numa sucessão de eventos por meio dos quais os jogadores agem entre si. Nos usos da língua, também estamos diante de ações desse tipo. Os arranjos linguísticos são desenhados com base em escolhas orientadas pelos propósitos comunicativos dos falantes. O funcionamento do sistema é condicionado ao tipo de uso que dele os falantes desejam fazer com vistas às necessidades interacionais dos contextos de uso da língua. Halliday e Matthiessen (2004:23), por exemplo, defendem que “a língua é um recurso para produzir sentido, e o sentido reside em padrões sistêmicos de escolha.” Aí está, então, o lado social da *parole*.

No entanto, seja no xadrez ou na língua, cada evento de escolha nada mais é do que uma ação individualizada. As escolhas formatam organizações possíveis, mas que não refletem a totalidade do sistema. Na ótica saussuriana, o sistema se sobrepõe a seus usos, haja vista que os usos são apenas formas particulares de operacionalização. Como ressalta Benveniste (1976:98-99), “Saussure enuncia a primazia do

sistema sobre os elementos que o compõem.” Podemos, então, dizer que pouco importa o propósito motivador para uma ou outra forma de jogada escolhida por um ou outro jogador, o que, de fato, importa é que qualquer movimentação ocorre sob a legislação do jogo-partida, e a legislação é soberana, pois decorre de um contrato socialmente firmado. Em Saussure, a relação entre língua e sociedade é vista pelo ângulo da convenção fundadora do sistema. Para ele, o social está na gênese da língua e é lá que deve ser buscado.

Vale salientar que, no paradigma sistêmico, a ideia da sobreposição do sistema ao uso não implica que a relação entre os componentes do sistema seja admitida numa perspectiva de dissociação de dimensões da língua. O sistema é pensado dentro de uma integralidade bidimensional. Há interdependência entre as peças no eixo horizontal (sintagmático<sup>2</sup>) e no eixo vertical (paradigmático). No xadrez, por exemplo, o valor de uma peça está tanto nas diferenças que ela mantém com as demais na horizontalidade do tabuleiro quanto nas diferenças existentes entre ela e as outras potenciais substitutas num quadro virtual e vertical de relações. Segundo Saussure (2006:143), “a relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual.” Essas duas formas de relação conduzem-nos à percepção de que a noção de

---

<sup>2</sup> Em Saussure, o sintagma não necessariamente extrapola os limites do signo.

sistema operado por escolhas faz-se contemplada no paradigma saussuriano. Se, na língua, a relação sintagmática *per si* não assegura a noção de valor, sendo também necessária a relação associativa (paradigmática), o falante está sempre a confrontar a estrutura selecionada com um fundo de tantas outras possíveis escolhas. Isso não quer dizer que, em Saussure, está dito que o falante modela estruturas linguísticas a partir de escolhas direcionadas por propósitos comunicativos, mas, sim, que, se há relações *in absentia*, já há a consciência de que a construção linguística resulta de escolhas realizadas. Indubitavelmente, tal consciência paradigmática da visão saussuriana, assumida numa orientação discursiva, é que se encontra na base da perspectiva funcionalista de autores como Halliday e Matthiessen (2004:22), para os quais “estrutura é a ordenação sintagmática na língua: padrões, ou regularidades, em o que vai junto com o quê. Sistema, pelo contrário, é a ordenação por outro eixo: padrões em o que poderia ir em vez do quê. Esta é a ordenação paradigmática na língua.”

No plano das relações sintagmáticas e paradigmáticas, a fronteira entre língua e fala torna-se bastante tênue. A anteriormente mencionada separação entre ambas parece não mais encontrar sustentação. Uma vez que só existe fala na referida bidimensionalidade da língua, qual o limite, afinal, entre elas? É difícil se pensar na existência de um sistema linguístico que exista fora da fala. Embora seja fruto de uma construção social, ele não existe para o indivíduo à parte de seu uso, por mais particular que o

uso possa parecer. Essa dificuldade de distinção encontra-se reconhecida pelo próprio Saussure (2006:145), para quem “no domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho de uso coletivo, e o fato de fala, que depende da liberdade individual.” O falante só ordena e interpreta estruturas linguísticas na virtualidade do sistema. Daí que a língua não pode ser vista como uma espécie de ferramenta para a fala. Uma não é a simples materialização da outra. Ambas inserem-se no domínio de uma virtualidade construída socialmente. A fala é, acima de tudo, a potencialidade de uso do sistema. Não faz sentido pensarmos na existência de uma fala à parte do sistema, o que existe é a possibilidade de tipificarmos um conceito de fala enquanto uso efetivo do sistema. Por esse caminho, é que Saussure (2002:58) busca desfazer a aparente contradição, dizendo que

Nós denominamos *sintagma* a fala efetiva, – ou a combinação de elementos contidos numa seção de fala real, – ou o regime em que os elementos se encontram ligados entre si por sua seqüência e precedência. Por oposição à *paralélle* ou fala potencial, ou coletividade de elementos concebidos e associados pelo espírito, ou regime no qual um elemento leva uma existência em meio a outros elementos possíveis.

No paradigma sistêmico, a suposta separação entre língua e fala parece mais uma estratégia metodológica de explanação da teoria do que qualquer outra coisa. Nele, não encontramos uma categoricamente excluída da outra. O que encontramos é uma fala potencializada no sistema. É bem verdade que ela não é tratada como

ação discursiva orientada por propósitos comunicativos, e, somente assim pensada, é que encontramos respaldo para a defesa da existência de uma possível exclusão da *parole* dentro da perspectiva saussuriana.

### **O tempo das “peças” é o tempo da partida?**

Na reflexão saussuriana, o tempo surge como componente essencial. Nada é a ele alheio. O jogo, seja enquanto objeto ou partida, está sob a sua influência. Contudo, o tempo não é igualmente pensado para todo o jogo. Há duas maneiras de relacioná-los. Numa delas, o tempo é tomado na relação com a materialidade do jogo; noutra, na relação com o sistema. A segunda maneira é a que, de fato, aparece metaforicamente explorada na comparação com o xadrez, embora seja também possível a recuperação da primeira dentro da imagem metafórica.

Na metáfora do xadrez, para recuperarmos a relação entre tempo e materialidade, é necessário que, primeiramente, imaginemos decomposta a matéria que compõe as peças e, posteriormente, imaginemo-la sendo gradualmente recomposta. Nessa imagem, o processo de recomposição ocorre com cada pedaço da peça se unindo ao outro por etapa até que a peça esteja completamente formada. Aqui, o tempo corresponde aos sucessivos momentos da construção material. Ele não é percebido enquanto partida. Daí que o tempo das peças e o tempo do jogo-partida não são o mesmo. Transposta para a

língua, a imagem criada pode ser facilmente relacionada à natureza acústica do significante. As partes constitutivas da realidade física do signo são unidas dentro de uma linearidade temporal. Nessa relação entre tempo e materialidade do signo, é que se insere o *princípio do caráter linear do significante*. Segundo Saussure (2006:84), “o significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável em uma só dimensão: é uma linha*.” Tal linearidade admitida como princípio é uma imposição natural. Ela decorre do fato de o falante não ser capaz de produzir simultaneamente todos os sons constitutivos do signo. Os sons são produzidos um a um dentro de uma cadeia, inevitavelmente, subordinada ao tempo.

Todavia, essa noção de tempo direcionada ao caráter linear do significante aparenta estar contraditoriamente colocada no texto saussuriano. Numa leitura mais atenta do CLG, pode ser verificado que ela parece confundir-se com a noção de tempo relacionada ao sistema. Se, num primeiro momento, aparece restrito aos limites da materialidade; mais adiante, o princípio do caráter linear extrapola as fronteiras da natureza acústica do significante e descamba na língua. Conforme pode ser lido no CLG, as relações sintagmáticas se definem num paradigma de ordenação no qual “os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo (Saussure, 2006:142).” Aqui, como

podemos perceber: a expressão *caráter linear do significante* cede lugar à expressão *caráter linear da língua*. Ademais, o princípio do caráter linear é posto no escopo das relações sintagmáticas, o que implica vinculá-lo à noção de valor. Nesse sentido, novamente aludindo ao xadrez, podemos dizer que o tempo da linearidade parece ocupar uma posição um tanto imprecisa entre a materialidade da peça e a sistematicidade do jogo-partida. Segundo Arrivé (2010:138-139), “o primeiro – e, para falar francamente, um dos únicos a ter percebido essa contradição – é justamente Hjelmslev.”

A linearidade sintagmática pressupõe noção de valor. Sua horizontalidade não está apenas no fato de as partes, no transcorrer do tempo, terem sido dispostas uma após a outra. Ela reside, sobretudo, nos valores implicados pelo arranjo executado. Hjelmslev (apud ARRIVÉ, 2010:139) afirma que

Segundo o *Curso de linguística geral*, o caráter linear seria próprio apenas do significante. Ao que parece, o significado não seria linear, pelo menos não necessariamente. Mas essa diferença entre os dois planos da língua é defensável? A partir do momento em que fizemos entrar em nossas considerações, como parece inevitável, a diferença entre o eixo sintagmático e paradigmático, fica difícil reservar o caráter linear apenas ao significante. Porque o sintagmático está em jogo tanto para o significado quanto para o significante, e não entrevemos a possibilidade de reconhecer o sintagmático do significado sem reconhecer, no mesmo ato, um encadeamento das unidades.

Uma vez que só é possível o reconhecimento do significado sintagmático com concomitante reconhecimento do encadeamento das unidades, o princípio do caráter linear do significante precisa, de

fato, tornar-se um princípio linear da língua. No eixo das relações sintagmáticas, apenas a consideração da realidade física dos elementos não basta. Como a significação rompe com os limites da materialidade fônica, faz-se necessário que se ultrapasse a natureza acústica do significante e se chegue à esfera do significado, sem o qual não há noção de valor. Essa necessidade pode ser percebida no próprio texto do CLG, quando as unidades são tomadas numa análise das relações sintagmáticas para além dos limites do signo linguístico, e aparece explicitamente dito que “a noção de sintagma se aplica não só às palavras, mas aos grupos de palavras, às unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie (palavras compostas, derivadas, membros de frase, frases inteiras) (Saussure, 2006:143-144).”

Ora, se a linearidade do significante pertence também ao domínio do sintagma, o tempo da construção material é também da ordem do sistema. Para que haja um tempo exclusivamente relacionado à materialidade, é imprescindível que haja duas linearidades distintas. Como no CLG não é feita tal distinção, e o caráter linear do significante vai ao encontro do caráter linear da língua, embora o tempo da peça não seja o mesmo do da partida, *ele é certamente um dos tempos da partida*.

Somente na idealização de uma fala meramente produto físico, isto é, limitada a sua realidade sonora, é que encontraríamos um possível alicerce para uma noção de tempo exclusivamente relacionada à materialidade do signo. Contudo, tal idealização não parece estar na perspectiva saussuriana. Afinal de contas, a *paralélle*

reside na potencialidade de uso do sistema, e a fala efetiva, na medida em que corresponde ao sintagma, está também perfeitamente vinculada ao sistema.

### **Sincronia e diacronia no jogo de xadrez: qual é o tempo da partida?**

Dizer que o tempo da peça é um dos tempos da partida implica dizer que a partida possui mais de um tempo. Por isso, o proposital destaque dado à assertiva – *ele é certamente um dos tempos da partida* – na parte anterior. Colocado à parte o tempo da peça, o jogo-partida pode ser observado sob duas visões de tempo: a de estado e a de mudança. A primeira tem a ver como as peças estão dispostas sobre o tabuleiro num determinado momento da partida, enquanto que a segunda diz respeito às alterações ocorridas na disposição delas entre cada momento da partida. De forma análoga, a língua no tabuleiro de xadrez é posta sob observação. O estudo linguístico pode ocupar-se tanto das transformações ocorridas no tempo quanto dos estados momentâneos.

Durante o século XIX, a perspectiva das transformações atingiu o seu apogeu. O aspecto histórico estava no centro das atenções dos trabalhos comparativos. Embora haja estudos históricos anteriores baseados na comparação de línguas, foi a busca pelo indo-europeu que levou ao refinamento do método comparativo, com consequente avanço para a investigação das transformações linguísticas. No final

da segunda metade do século, tal avanço aparece consolidado no pensamento dos estudiosos de Leipzig (ou neogramáticos), dos quais se destacam Osthoff e Brugmann. Robins (1983:152) diz que

O trabalho dos neogramáticos se limitou em grande parte a explicitar o que estava implícito no pensamento linguístico precedente, deixando de lado as conjecturas falsas ou irrelevantes. Tal trabalho já é em si mesmo de grande importância, como é importante qualquer levantamento criterioso do que existe numa teoria e numa metodologia científicas. Além disso, ao tornar explícitos os princípios sobre os quais a ciência da época repousava, os neogramáticos deram vigoroso passo para ordenar e tornar claro o pensamento, livrando-o de ideias equívocas e de falsas conexões etimológicas.

O aprimoramento do método comparativo acaba tendo repercussões sobre o *status* de cientificidade da época. O trabalho de pesquisa, ao ser feito dentro de um maior rigor metodológico, torna-se mais excludente. Ao estudo histórico-comparativo é conferido um prestígio científico tal, que não mais se admite outra perspectiva como pertencente à ciência da linguagem. Daí, em Saussure, a distinção das perspectivas de estado e mudança ganhar tanto relevo. Ele procura mostrar as diferenças existentes entre elas, opondo-se à primazia dos estudos históricos sobre os estudos descritivos. Como bem afirmam Wartburg e Ulmann (1975:7),

Por volta dos anos 1880-1900, só se compreendia como ciência da linguagem a sua parte histórica e comparativa. Foi Saussure que, contrariando esse ponto de vista, empenhou-se em mostrar que tanto o estudo descritivo quanto o estudo histórico das línguas eram acessíveis aos métodos científicos. Ele opõe principalmente, e com maior ênfase, linguística descritiva e linguística histórica.

Para Saussure, na relação com o tempo, as ciências não devem ser igualmente tratadas. O tempo provoca diferentes efeitos sobre elas. Tudo depende da natureza do objeto de estudo de cada campo do conhecimento, posto que a condição de existência das coisas define-se sobre dois eixos de tempo: o da simultaneidade e o da sucessão. Diferentemente das ciências que não operam com valores, as que operam precisam percorrer dois caminhos. A Linguística se insere nesse segundo caso. Saussure propõe que se diferencie uma *Linguística estática (ou sincrônica)* de uma *Linguística evolutiva (ou diacrônica)*. Enquanto a primeira deve ocupar-se dos estados da língua, cabe à segunda investigar as mudanças ocorridas entre seus sucessivos estados. A separação das duas Linguísticas é de fundamental importância para a aquisição do *status* de cientificidade dos estudos descritivos. De forma bastante habilidosa, Saussure consegue dar uma guinada epistemológica. Pondo a noção de valor como central, ele constrói, de modo bastante sistemático, as bases para uma reflexão da relação entre Linguística e tempo. Na medida em que a língua é concebida como um sistema de valores, estando o valor assentado sobre o eixo da simultaneidade, o primado dos estudos histórico-comparativos começa a ser minado, e os estudos descritivos passam a gozar do desejado prestígio científico.

De volta à metáfora saussuriana: o xadrez, assim como todas as outras coisas, tem sua condição de existência assentada sobre o eixo da simultaneidade e o da sucessão. Ele pode ser tanto observado num determinado instante da partida, como também numa sucessão de

instantes. A primeira forma de observação nos levará a capturar um arranjo das peças dentro do qual os valores são estabelecidos, enquanto que a segunda forma de observação possibilitará ver aquilo que há de diferente nos arranjos de um instante a outro. Não existe dependência entre ambas. Para que um determinado estado da partida seja descrito, não é necessário que o momento precedente seja levado em consideração. A independência dos momentos aparece assim explicitada no CLG:

Numa partida de xadrez, qualquer posição dada tem como característica singular estar liberta de seus antecedentes; é totalmente indiferente que se tenha chegado a ela por um caminho ou outro; o que acompanhou toda a partida não tem a menor vantagem sobre o curioso que vem espiar o estado do jogo no momento crítico; para descrever a posição, é perfeitamente inútil recordar o que ocorreu dez segundos antes. (Saussure, 2006:105)

Essa maneira como a independência dos momentos é destacada põe a metáfora do xadrez a serviço da crítica à historicidade da linguagem. Em notas para um artigo sobre Whitney, a metáfora é claramente tomada numa oposição ao primado histórico-comparativo do século XIX. Saussure (2002:178) diz que

A gramática histórica, tendo descoberto que havia *LANCES de xadrez*, zombou de seus predecessores. Ela conhece apenas, por sua vez, *a sequência de lances* e, com isso, pretende ter uma visão perfeita da partida, as posições não a inquietam, nem são mais dignas, há muito tempo, de sua atenção.

Apesar da crítica à primazia dos estudos histórico-comparativos sobre os estudos descritivos, Saussure não nega a importância do conhecimento histórico das línguas. Seu anti-historicismo dirige-se ao predomínio de uma perspectiva epistemológica, e não à relevância da investigação da história das línguas. Para ele, a visão puramente diacrônica é limitadora, pois não é capaz de dar conta da língua em sua totalidade. Uma vez que as relações de valor do sistema linguístico só são possíveis pela coexistência dos elementos, o confronto de diferentes estados da língua permite apenas que se diga o que aconteceu com uma porção dela, mas nunca que se diga como ela é. Nesse sentido, “uma língua só é comparável à ideia *completa* da partida de xadrez, comportando, ao mesmo tempo, as *posições* e os *lances*, ao mesmo tempo as *mudanças* e os *estados* da sucessão (Saussure, 2002:178).”

Na comparação da língua com a ideia completa da partida, encontramos a resposta à questão inicialmente colocada. O tempo da partida não é outro, senão o sincrônico somado ao diacrônico. Apesar de ser aparentemente contraditória, essa última passagem citada do texto saussuriano revela-se bastante esclarecedora. Nela, fica clara a diferenciação entre língua e método. Embora o estudo possa fazer-se sob duas perspectivas – a da Linguística sincrônica e a da Linguística diacrônica – a língua não pode ser concebida apenas por uma das duas. A independência dos momentos da partida está para a perspectiva analítica, e não para o objeto. Como bem afirma Depecker (2012:68), “a imagem da língua como partida de xadrez

ilustra particularmente o fato de que a língua não repousa sobre uma matéria. Mas também que é possível abordar a língua no tempo e através de seus estados. A imagem da partida de xadrez oferece assim as vias de um método.” Dizer que a descrição de um determinado estado não carece do momento precedente não implica dizer que do objeto se deva arrancar fora a história. O percurso histórico de uma língua é sempre dela constitutivo. A língua portuguesa, a francesa, a alemã ou qualquer outra, por exemplo, não são apenas recortes de um ou outro momento. Elas são todo o conjunto de suas existências. Por isso, é que podemos nos referir a um de seus determinados estados, dizendo que se trata do português, do francês ou do alemão de tal época.

Assim sendo, a divisão entre Linguística sincrônica e Linguística diacrônica não nos leva a duas concepções de língua distintas e excludentes entre si. A mesma concepção de língua – sistema de valores – está na base das duas. As diferentes perspectivas nos direcionam apenas para a observação de aspectos diferentes. Inclusive, Saussure chega a levantar a hipótese de que o termo *idiosincrônico* talvez seja mais apropriado que sincrônico. Diferentemente do que ocorre na abordagem diacrônica, a Linguística sincrônica não deve ocupar-se da simultaneidade para fazer confronto de línguas distintas. Cabe-lhe a descrição dos valores de um mesmo sistema, enquanto que à Linguística diacrônica dizem respeito os fatos da mudança dos quais podem ter surgido línguas diversas. Segundo Saussure (2006:106), “a Linguística diacrônica não somente

não necessita de semelhante especialização como também a repele; os termos que ela considera não pertencem forçosamente a uma mesma língua (comparem-se o indo-europeu \**esti*, o grego *ésti*, o alemão *ist*, o francês *est*).”

Na medida em que o tempo da partida é admitido como a soma do sincrônico com o diacrônico, parece haver aí uma brecha à contestação da divisão das perspectivas. Até que ponto, de fato, a abordagem pode dar-se na autonomia dos momentos? Se a língua é a partida de xadrez completa, parece não fazer sentido que ela seja observada apenas por um ângulo. Nesse sentido, estaria, então, Saussure incorrendo em mais uma suposta contradição? “Mas, estejamos certos, o sistema saussuriano é sólido e se defende muito bem dos golpes (Arrivé, 2010:140).” A bipartição do método não nega a possibilidade de integração. O paradigma sistêmico admite a possível adoção de uma perspectiva *pancrônica*. No entanto, ela não nos conduzirá aos mesmos pontos a que chegamos pelas vias separadas das outras duas. Por meio das abordagens sincrônica e diacrônica, chegamos, respectivamente, ao valor pela coexistência e pela troca das peças, enquanto que, por meio da visão *pancrônica*, somos levados a *princípios gerais*. Saussure (2006:112) diz que

Em Linguística, como no jogo de xadrez, existem regras que sobrevivem a todos os acontecimentos. Trata-se, porém, de princípios gerais que existem independentemente dos fatos concretos; quando se fala de fatos particulares e tangíveis, já não há ponto de vista *pancrônico*.

Os princípios gerais se sobrepõem ao tempo. Eles não se prendem a momentos da língua. Por isso, não podem ser investigados através da observação sincrônica ou diacrônica. Embora determinem fatos concretos e tangíveis da língua, não se confundem com tais fatos. Enquanto os fatos concretos podem ser temporalmente localizados, os princípios gerais são constantes, ou seja, são atemporais. Nos textos saussurianos, diferentemente do que ocorre com os princípios da arbitrariedade e do caráter linear – por exemplo, não é dedicado um tratamento mais aprofundado aos princípios gerais. No entanto, é perceptível que eles dizem respeito a leis gerais capazes de determinar a dinâmica do sistema. No CLG, a transformação fonética é apresentada como exemplo de princípio geral. Para Saussure (2006:112), “visto que se produziram e se produzirão sempre transformações fonéticas, pode-se considerar esse fenômeno em geral como um dos aspectos constantes da linguagem; é, pois, uma de suas leis.” A inserção da transformação fonética no rol das leis gerais, apesar de não detalhar a natureza do princípio, leva-nos à existência de leis para além da imanência do sistema. O exemplo serve à demonstração de que a organização do sistema obedece a leis superiores e gerais que lhe são inerentes. No caráter generalizante do exemplo dado, fica claro que, independentemente do seu tempo ou de suas especificidades internas, a língua, durante toda a sua existência, sofrerá modificações em seu repertório de sons, ou seja, é da própria natureza da língua a transformação fonética.

Falar de princípios gerais é, então, falar de algo que se sobrepõe tanto a particularidades de tempo quanto a parcelas específicas da língua.

Outro exemplo desse tipo de lei pode ser encontrado em Martelotta (2003:59), quando afirma que

A noção de unidirecionalidade, tal como proposta pela teoria da gramaticalização, leva à hipótese de que existem fatores de ordem cognitiva, sociocultural e comunicativa que norteiam a mudança. Nesse sentido, pode-se pensar, com Saussure, que existe uma pancronia, ou conjunto de leis gerais, que se fundamenta em bases não estruturais.

Na teoria da gramaticalização, há o pressuposto de que a modelagem do sistema linguístico ocorre por uma única via. Nessa perspectiva, é defendida a ideia de que a gramática da língua não surge aleatoriamente, mas, sim, que ela ocorre pelo cumprimento de determinados estágios constitutivos do processo de regularização. Nesse sentido, o caminho percorrido pelas estruturas de uma condição de maior liberdade a uma condição de menor liberdade dá-se por meio de um percurso definido por etapas. Segundo Givón (1979), as etapas do percurso são compostas por: Discurso > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > Zero. Conforme pode ser percebido no esquema, a unidirecionalidade do processo de gramaticalização tem como ponto de partida o discurso. Nessa etapa, há maior liberdade nas relações entre as estruturas. Por meio do uso, sobretudo em virtude da repetição, começa a ocorrer a fixação de padrões reguladores do funcionamento das formas linguísticas, isto é, as relações que, no discurso, são paratáticas passam a assumir uma

sintaxe rígida. Com o progressivo aumento dessa rigidez, as formas linguísticas podem tornar-se bem mais dependentes, sendo, por exemplo, reduzidas a clíticos ou a afixos. O uso pode ainda as levar ao desaparecimento por erosões fonológicas. Assim como a transformação fonética do exemplo saussuriano, o princípio da unidirecionalidade corresponde a um princípio geral. O esquema apresentado não é válido apenas para um ou outro tipo de estrutura nem para um ou outro momento, mas, sim, para toda a língua independentemente do tempo. Se a transformação fonética se sobrepõe a particularidades de tempo e a parcelas específicas da língua, o mesmo ocorre com o princípio da unidirecionalidade. Ele diz respeito a uma lei geral a que o processo de emergência do sistema está condicionado.

A língua só se (re)organiza através do seu uso. Não há emergência do sistema linguístico fora dos usos que dele fazemos. Então, na medida em que a gramática da língua se constrói e se renova a partir do discurso, os princípios gerais estão diretamente vinculados à fala efetiva, e não à *paraléllie*. É na primeira que o contrato social fundador do sistema é firmado. Daí que no xadrez do paradigma saussuriano, como o interesse não está no processo de emergência do sistema, mas, sim, no sistema enquanto contrato já estabelecido, não interessa, na investigação da língua, levar em consideração fatores socioculturais, cognitivos e pragmáticos componentes da fala efetiva. Nesse sentido, não há uma exclusão da fala – afinal de contas, ela (*paraléllie*) está potencializada no sistema,

o que, de fato, fica de fora do jogo-partida são fatores motivadores de princípios gerais.

Uma vez que a consideração dos referidos fatores não está na ordem do dia, o xadrez do paradigma sistêmico não carece de maiores investigações acerca de suas leis gerais. Assim sendo, embora o tempo da partida seja a soma do sincrônico com o diacrônico, a centralidade na imanência do sistema legitima que a partida possa ser, metodologicamente, observada apenas por um dos ângulos da temporalidade.

### **Considerações finais**

Apesar de tomado como exemplo, o xadrez é bem mais que uma estratégia didática para a explanação da teoria. Não é à toa que Saussure o vê como a melhor forma de demonstração da sua concepção de língua. Quando deixamos de lado sua condição material e passamos a enxergá-lo como partida, o xadrez passa a existir apenas enquanto uma abstrata rede de relações, e é dentro dessa rede que caem as dicotomias *língua versus fala* e *sincronia versus diacronia*. Em Saussure, a despeito de tantas dicotomias, encontramos mais convergências do que separações. O xadrez metaforiza uma visão de língua bastante coerente internamente e dentro da qual tudo harmonicamente se relaciona sob a mecânica do sistema.

A concepção de língua do xadrez determina todas as outras concepções das quais depende a sua sustentação. Nela, não há espaço

para concepções que lhe sejam antagônicas ou antagônicas entre si. Daí decorre que fala, sincronia, diacronia, entre tantas outras concepções, sobre o tabuleiro, assumem delineamentos em consonância com os delineamentos da visão sistêmica de língua. Em Saussure, separações categóricas ou supostas contradições apontadas parecem mais uma ficção criada pela adoção de concepções destoantes das por ele assumidas do que, de fato, algo nele presente. Dizer que, na reflexão saussuriana, a fala aparece excluída da língua, por exemplo, só é possível pela adoção de uma concepção de fala que não é a mesma da do paradigma sistêmico.

As dicotomias *língua versus fala* e *sincronia versus diacronia* apresentam-se mais como estratégias de explanação do método do que qualquer outra coisa. Nelas, não há evidências incontestáveis de um projeto de ciência Linguística alicerçado sobre separações categóricas nem supostas contradições. Nos textos saussurianos, apontar a existência de fronteiras rígidas ou de contradições é algo de difícil consecução. A complexidade da rede de relações traçadas sobre o tabuleiro constrói uma concepção de língua que ao mesmo tempo em que parece abrir determinadas brechas, também as fecha.

### Referências

- ARRIVÉ, Michel. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- CULLER, Jonathan. *Ferdinand de Saussure*. New York: Cornell University Press, 1986.

- DEPECKER, Loïc. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. United Kingdom: academic press, 1979.
- HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. *An introduction to functional grammar*. London: Oxford University Press, 2004.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 2008.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. A mudança linguística. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado de; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (orgs.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- ROBINS, R. H. *Pequena história da linguística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- WARTBURG, Von Walther; ULLMANN, Stephen. *Problemas e métodos da linguística*. São Paulo: DIFEL, 1975.